



## A NEUROSE OBSESSIVA E A MASCULINIDADE

*Nicolas Pinheiro Costa Navarros*

*Acadêmico do 10º semestre do curso de Psicologia da UNIVAG*

*Email: [nicolas\\_navarros@hotmail.com](mailto:nicolas_navarros@hotmail.com)*

*Thiago Rogerio Moreira Anibale*

*Acadêmico do 10º semestre do curso de Psicologia da UNIVAG*

*Email: [trmanibale@gmail.com](mailto:trmanibale@gmail.com)*

*Orientado e supervisionado pelo Prof. Luis Guilherme Araujo Gomes*

*Email: [luiz.gomes@univag.edu.br](mailto:luiz.gomes@univag.edu.br)*

O presente tema foi escolhido devido a uma atividade de hora técnica do estágio em psicologia clínica em que o SIP (Serviço Integrado de Psicologia) do UNIVAG abriu vagas para atendimentos psicológicos para homens com dificuldade em lidar com a raiva intensa. Com essa atividade, percebemos que em muitos casos, a raiva intensa e a dificuldade que os sujeitos traziam à clínica estavam ligados a uma ideia (ou a falta dela), do que é ser homem e o conflito gerado. Logo achamos pertinente trazer tal questão e trabalhá-la aliada a teoria psicanalítica. Nos dias de hoje, o homem está passando por uma certa crise da masculinidade. Se, antigamente, a masculinidade era caracterizada por poder, força e virilidade, hoje em dia são diversas as definições que se cruzam para dar conta do que é ser homem. As mudanças provocadas pelo feminismo desestabilizaram o modelo masculino tradicional e impuseram a necessidade de sua revisão. O homem tradicionalmente era visto como sexo forte, detentor do falo, provedores com permissão para desejar, já as mulheres eram confinadas à beleza, casamento e lar, privadas do desejo, eram vistas como posse, castradas, eram o sexo frágil. Porém, com a intensificação da luta feminista, a partir do séc. XX, nota-se cada vez mais um afrouxamento do patriarcado, transformando as relações e é quando a diferença sexual simbólica cai por terra, separando o pênis do falo. Com a intensa entrada das mulheres no mercado de trabalho, misturaram-se os papéis de gêneros e isso gerou novas expectativas para os homens, levando ao surgimento de um “novo homem”, mais participativo na vida familiar e afetiva, fazendo com que os estereótipos tradicionais de masculinidade, ligados a virilidade e força, sejam questionados. E é nessa perspectiva que entra o ideal de eu, tão visado e desejado pelo neurótico obsessivo, o desejo impossível de possuir o falo. Nessa época em que o homem não é mais visto como “rei” dentro da relação, dentro de casa, onde a mulher, agora como desejante, conflita com o que ele próprio deseja, inscreve-se um confronto com sua imagem narcísica, em que falha, ele tem contato com um sujeito barrado e falho, não fálico, que é ele mesmo. Para Moreira (2011), o destino da ideia do desejo pela mãe é o recalque e a culpa resultantes que promovem a idealização da virilidade do pai, pois só este pode ter essa mulher”. O encontro do sujeito com sua posição sexual é sempre traumático, e na neurose obsessiva é acompanhado por um excesso de gozo que acarreta culpa e autorrecriação, logo, o sujeito se sente oprimido pela culpa por desejar a mãe e a saída é se identificar com ela matando sua própria virilidade, mas essa culpa opera como uma ação, garantindo o lugar viril idealizado para o pai. Há uma contradição acerca da figura do pai, do Outro, ele o nega, porém seu próprio desejo é mediado por tal, logo a destruição desse Outro acarreta a destruição do próprio desejo e é

nesse momento que ele se afasta, evita, na medida em que alcançar o desejo significa matá-lo. Ao mesmo tempo em que o pai é adorado, sua imagem é, também, denegrida. A degradação é uma exigência da ação que coloca a mãe como outro-objeto. Isso aponta a ambivalência do obsessivo em relação ao pai, visto que a morte do pai acarreta a morte do desejo na medida em que dificulta o processo de degradação exigido pela sua busca. O obsessivo desenvolve uma relação com o Outro (Senhor), equivalente à de um escravo, pois ele voluntariamente se coloca a serviço do Outro, à disposição para concretizar toda e qualquer demanda, livrando o Outro da falta, da castração, mantendo assim uma posição narcísica na tentativa de “ser tudo para o Outro”. Trata-se de uma tentativa de aniquilar o desejo do Outro, pois o obsessivo acredita que ele pode, sim, poupar o Outro da falta, ofertando a ele o que for preciso, custe o que custar. Segundo Almeida (2010), na sua disposição em ser tudo para o Outro, nada lhe pode escapar, sendo certo que a perda de algo no ou do objeto lhe remeterá diretamente àquilo de que ele foge: a castração. O obsessivo não pode perder, nunca, porém é ao se colocar como objeto do desejo da mãe, ao buscar ser ou não ser o que ela deseja, que seu próprio desejo fica à beira da destruição e isso o leva a manter uma distância em relação a ele. Em sua fantasia, o obsessivo quer ser um quase deus, ocupando um lugar de perfeição (falo da mãe). Até que aparece o contato castrador com a realidade, a figura da lei (pai simbólico) e, assim, na lógica do seu sintoma, o obsessivo sucumbe à paralisia. O campo do desejo é determinado pela mãe, a posição de sujeito é atribuída ao pai concreto e o Outro é representado pelo pai simbólico, com isso, o Eu, no processo de identificação com essas figuras, se sente de onipotente, porém essa identificação é idealizada/imaginária, logo, a onipotência cai, dando lugar à impotência. É um jogo eterno entre narcisismo e castração. Moreira (2011) cita em seu trabalho um caso clínico que ilustra uma relação da neurose obsessiva com a masculinidade, onde um matemático afirma desinteresse em conversar com mulheres, ele diz ter apenas desejo sexual nelas, é muito mais interessante conversar com os amigos, mulheres não tem nada a dizer. Ele diz ter uma falta de habilidade com as mulheres e os homens por quem se interessa são aqueles com uma grande capacidade de seduzi-las como em vários momentos na análise, se pergunta sobre o desejo, não sexual, por outros homens. Além disso, ele relata acerca de um sonho que estava fazendo análise com um analista homem, e esse o da alta, e ao abraçá-lo após receber alta, os dois estão com ereção e ele se pergunta onde vai colocar seu órgão sexual, ou seja, apenas outro homem poderia legitimar sua posição masculina, apenas outro homem possui a verdade. Por isso se torna muito interessante que essa figura que é privilegiada, posta como o outro-pessoa, seja justamente um homem, isso se origina em sua relação com o pai real, que aparece como sujeito, em oposição ao lugar da mãe e das mulheres em geral. Entretanto, embora o conflito seja inegável, e a dinâmica das posições possam mudar o que se mantém é a figura do Pai na posição de Ideal e a da Mãe na posição de outro-objeto. Logo, a fim de minar as fantasias em relação a mãe, uma saída é problematizar a própria posição sexual e questionar a própria masculinidade. Tratando do processo de análise do neurótico obsessivo, o analista é colocado em uma posição de sujeito suposto saber, mas não responde deste lugar, pois, o saber vai ser revelado e interpretado pelo próprio sujeito e ao não responder à demanda de amor na transferência, surgem os significantes ligados à demanda inconsciente, às pulsões, através dos quais circula o desejo que pode ser articulado a partir da associação livre. Com isso, o sujeito pode se haver com seu desejo, jogar cartas com ele, e inventar uma nova maneira de lidar, tudo isso caminhando colado ao processo de travessia da fantasia. Para concluir, defendemos que não existe uma maneira correta de ser homem e da mesma forma que para Lacan “a mulher não existe”, o masculino, também, habita um campo obscuro, portanto também, cabe a invenção.

**Palavras-chave:** Outro; Obsessivo; Homem; Objeto; Castração.



### Referências Bibliográficas

ALMEIDA, A. M. O desejo do neurótico obsessivo. **Psicologia Revista PUC**. São Paulo, v. 19, n.1, p. 33-57, 2010. Disponível em: < Vista do O desejo no neurótico obsessivo>. Acesso em 21/04/2025.

MOREIRA, J. O. A neurose obsessiva e os enigmas da masculinidade. **Revista Brasileira De Psicoterapia**. Porto Alegre, v. 13, n. 1, p. 27-38, 2011. Disponível em: <A neurose obsessiva e os enigmas da masculinidade | Rev. bras. psicoter;13(1): 27-38, 2011. | LILACS>. Acesso em 20/04/2025.